



DESEJO EM CENA: REFLEXÕES POÉTICAS SOBRE A VIDEOPERFORMANCE

“SORRIA, ELDORADO!”

DESIRE IN SCENE: POETIC THOUGHTS ON THE VIDEOPERFORMANCE

“SORRIA, ELDORADO!”

Daniela Alves Marques¹
Universidade Federal de Goiás

RESUMO

No presente artigo, reflito sobre os processos e gestos poéticos que culminaram na produção da videoperformance “Sorria, Eldorado!”, de minha autoria. Utilizo a autobiografia como prática metodológica, trazendo para a discussão o modo como um ideário pessoal acerca do desejo esteve articulado à produção da obra. Abordo a relação do mito da cidade de Eldorado com a poética instaurada pela produção artística da videoperformance, propondo conversações com concepções teóricas de desejo em vias psicanalíticas e esquizoanalíticas. Por fim, apresento um relato autobiográfico sobre uma experiência meditativa e, discutindo sobre os sentidos singulares do verbo inglês “crave”, conduzo à abertura de um campo de indagação e imaginação sobre o que é/pode vir a ser o ato de desejar.

PALAVRAS-CHAVE

Desejo; Eldorado; Pesquisa Autobiográfica em Arte; Poéticas Artísticas; Psicanálise e Esquizoanálise.

ABSTRACT

In this paper, I reflect on the processes and poetic gestures that culminated in the production of the videoperformance “Sorria, Eldorado!” (“Smile, Eldorado!”), by my authorship. I use autobiography as a methodological practice, bringing to the discussion the way how personal ideas about desire were linked to the production of the artwork. I address the relationship between the myth of the city of Eldorado and the poetics established by the artistic production of the videoperformance, proposing conversations with theoretical conceptions of desire in psychoanalytic and schizoanalytic perspectives. Finally, I present an autobiographical description of a meditative experience and, discussing the singular meanings of the English verb “crave”, I lead to the opening of a field of inquiry and imagination about what the act of desiring is and/or could be.

¹ Doutoranda em Arte e Cultura Visual no Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás. Bacharela em Comunicação Social na mesma instituição. E-mail: daniela.marques@discente.ufg.br. Lattes ID <http://lattes.cnpq.br/7839897423479666>. Goiânia, Brasil.



KEYWORDS

Desire; Eldorado; Autobiographical Research in Art; Artistic Poetics; Psychoanalysis and Schizoanalysis.

1 Introdução

O presente artigo coloca em discussão a videoperformanceⁱ intitulada “Sorria, Eldorado!”, de minha autoria. Com a compreensão de que a reflexão crítica é tão importante para o processo de execução da obra de arte quanto para o desenvolvimento dos questionamentos de pesquisa (NELSON, 2022), intenciono, com a escrita desse artigo, refletir sobre as motivações poéticas e os processos de execução envolvidos em torno da produção da obra, trazendo para a discussão o modo como um ideário acerca do desejo e do ato de desejar estão articulados ao fazer artístico que mobilizou a criação da obra em questão.

Considerando a noção de que a prática reflexiva e investigativa sobre o processo artístico permite revelar o que estava oculto não só no objeto artístico, mas na própria experiência da criação (COESSENS, 2014), proponho que a escrita aqui empreendida colabore com um viés de produção do saber que se entende enquanto núcleo gerador de pensamento, possibilitando o avanço na criação de novas zonas de sentido (RIBEIRO, 2015). Adoto, assim, uma posição de experimentação com um ideal transdisciplinar e não linear, participando na busca por um fazer intelectual que visa contestar princípios “impostos como universalmente válidos, servindo a toda e qualquer situação” (RIBEIRO, 2015, p. 197).

Aplico de forma consciente o método autobiográfico - inscrito como parte de um contexto de hibridismo geral de categorias e distinções que dominaram o que se chamou “modernidade”, acompanhando agora a transição a uma era “pós moderna” - entendendo que sua aplicação torna possível o uso de jogos de linguagem mais radicais que desestabilizam pontos de referência da certeza (ARFUCH, 2010). Nesse



sentido, a articulação em torno dos processos artísticos desenvolvidos acontecerá em diálogo, não só com formulações teóricas sobre o desejo, mas também com relatos autobiográficos pertinentes.

Desse modo, inicialmente, apresento os processos e reflexões poéticas que culminaram na videoperformance em questão. Em seguida, desenvolvo uma discussão abordando a relação do mito do Eldorado com a obra, tecendo diálogo com concepções de desejo trabalhadas pela psicanálise e pela esquizoanálise. Por fim, a partir de relato autobiográfico sobre uma prática meditativa experienciada por mim, reflito sobre o caráter singular do verbo inglês “*crave*” e sua aproximação com o desejar, abrindo um campo de indagação/imaginação sobre novas/diversas formas de vivenciar o desejo.

2 “Sorria, Eldorado!”





Imagem 1. Frames da videoperformance “Sorria, Eldorado!”, 2023.
Digital, dimensões variáveis. Fonte: arquivo da autora

A obra “Sorria, Eldorado!” é uma videoperformance de 1’e 02” em cuja exibição acontecem as seguintes ações: vestida com uma camiseta contendo os dizeres “Sorria, Eldorado!”, encho de água um copo de 700 ml e, em seguida bebo toda a água (Imagem 1). Em plano detalhe, vemos o copo ser preenchido e o pescoço engolindo a água. Em plano americano, sob um fundo branco, é ofertada uma visão mais ampla do corpo que executa a ação.

Sob a compreensão de que a poética é o que se propõe enquanto sustentáculo e norma da produção de uma ou várias obras realizadas pela pessoa artista (PAREYSON, 2001), a normativa que sustentou a realização da obra “Sorria, Eldorado!” teve como ponto de partida a proposição de expressar visualmente o que imaginei como ‘subjetividade desejante’.

A ideia de uma ‘subjetividade desejante’ e sua relação com a sede surgiu em 2022, quando participei de uma oficina intitulada “Desmecanizando o corpo cotidiano”. Conduzida pela professora Silvia Paes, a oficina foi ofertada pelo Ciclo de Práticas Decoloniais do Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas da UFG (NuPAA). Utilizando como método o Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, a professora propôs às/aos participantes uma série de jogos teatrais com vias à desmecanização do corpo (CICLO, 2023). Em uma das atividades propostas, a professora pediu que cada participante se definisse com até duas palavras e, posteriormente, fizesse uma encenação da definição escolhida, não sendo permitido usar a fala. As palavras que escolhi foram “subjetividade desejante” e a forma que encontrei para encená-las foi, instintivamente - não tínhamos muito tempo para planejar ou ensaiar -, encher um copo de água e bebê-lo completamente.

Quanto aos modos de produção da obra, além de realizar a ação, também executei sua gravação e edição. Dessa forma, precisei gravar uma série de vídeos até que os



enquadramentos/ângulos pretendidos fossem alcançados. Por esse motivo, acabei ingerindo bem mais do que os 700 ml de água exibidos no vídeo. Assim, quando concluí a gravação do último vídeo, senti o limite espacial do meu estômago sendo atingido.

Em um dos últimos planos-detelhe exibidos no vídeo, cuspo de volta um pouco de água no copo, o que aparece como um registro do limite atingido, a partir do qual não seria possível beber mais nenhum gole de água. Preenchi-me completamente. No plano detalhe que conclui o vídeo, emito uma longa interjeição - cuja duração é prolongada por meio de recursos de edição - que soa como satisfação, prazer, gozo... No entanto, a sensação real que experienciei foi de intensa náusea.

Inicialmente, utilizando-me de recursos criativos do vídeo, como enquadramento, montagem, cenários, figurino, e o registro de uma ação (beber água), o propósito central da produção era instaurar, visualmente, a ideia de um “preenchimento”: o que seria exibido pelo processo de encher o copo e por bebê-lo completamente. Assim, antes de realizar a gravação do vídeo, meu interesse era pouco direcionado à experiência corporal envolvida. Entretanto, as condições de realização do registro, feito sem nenhuma equipe externa a mim, colocou a experiência do corpo em contato direto com a ideia de completude que a obra vinha visualmente propor. Em tal situação, o meu corpo performante somou-se aos efeitos de registro e edição próprios da linguagem videográfica (VINHOSA, 2020). Dessa forma, a partir do contorno que o próprio processo de realização foi traçando, tornou-se manifesta a relação dialógica entre a linguagem do corpo e a linguagem do vídeo, de modo que a síntese entre elas - vivenciada no ato de performar/gravar - configurou-se como videoperformance (MELLO, 2008), ainda que esta hibridação não tivesse sido idealizada antes da execução da obra.



Em todo caso, um aprofundamento nas reflexões sobre as linguagens através das quais a obra transita - o vídeo, a performance - extrapola a proposta aqui empreendida. Para além dos aspectos formais que envolvem o uso da linguagem empregada, interessa-me enveredar pelas indagações sobre o ato de desejar, que ocuparam o centro da poética artística proposta com a obra. Dessa forma, é importante destacar que não foi ao acaso a minha escolha de vestir uma camiseta com os dizeres “Sorria, Eldorado!” acompanhados por um sol sorridente. A escolha da camiseta participa nesta indagação em torno do desejo: seria o preenchimento, suposta completude posterior à satisfação do desejo, um encontro com o Eldorado?

3 A busca pelo Eldorado

A camiseta que visto no vídeo, exibindo um sol sorridente acompanhado dos dizeres que dão título à obra “Sorria, Eldorado!”, foi recebida por minha mãe em uma das ações promocionais daquele que foi o primeiro bairro planejado vertical de Goiâniaⁱⁱ, o Residencial Eldorado. Em um anúncio publicitário de 2009 (Imagem 2), anuncia-se o bairro como “o lugar perfeito pra gente ser feliz”.





Imagem 2. Anúncio publicitário promovendo o Residencial Eldorado.

Fonte: Correa (2009, p.62)

Langer (1997) analisa a formação do mito do Eldorado, discutindo como mitos indígenas e um imaginário europeu colonialista articularam-se constituindo a famosa cidade imaginária sul-americana. Segundo o autor, o primeiro relato impresso sobre o Eldorado, feito por um espanhol, dizia de um príncipe indígena que diariamente cobria toda a extensão de seu corpo com ouro em pó, relato confirmado por pesquisas arqueológicas contemporâneas. Segundo o autor:

A repercussão desse depoimento para a mentalidade do período foi fundamental. Não se encontrou em nenhuma cultura indígena até aquele momento, uma utilização de riquezas de tal modo característica de uma raça muito rica e portadora de fabulosas riquezas. Essa tradição do homem dourado, advinda de informações indígenas, foi baseada em um culto religioso dos Chibcha (situados na Colômbia) (LANGER, 1997, p.28).

O impacto da narrativa de um ‘homem dourado’ alimentou a construção de um imaginário da ordem do maravilhosoⁱⁱⁱ para o europeu, que vislumbrava no Novo Mundo a possibilidade de uma grande *conquista*. Inicialmente representada pela riqueza do ouro, a conquista almejada vai ganhando novas roupagens à medida que o metal precioso - que atua como objeto central do desejo colonizador - é conquistado. De acordo com Langer (1997, p. 26-27), “o ímpeto de busca dos conquistadores espanhóis não se devia apenas ao caráter material do metal dourado, pois a cada nova posse deste buscava-se outra. Como se a própria procura fosse mais importante que a aquisição em si”.

Se para o europeu colonizador, o ouro exercia fascínio, mas assim que o possuíam quebrava-se o encanto (HUBER, 1961 apud LANGER, 1997), o que passa a motivar a continuação dessa busca são “o heroísmo, o navio, a viagem ao desconhecido e a conquista do tesouro oculto” (LANGER, 1997, p. 27). Seria a busca pela conquista do



tesouro oculto correspondente à busca por uma completude inatingível que conduziria à satisfação plena? Seria essa uma busca pelo “lugar perfeito para ser feliz”? Se o alcance do ouro prometido não satisfazia o desejo colonizador, que águas saciariam esta sede?

Sob um viés psicanalítico, poderíamos encarar a busca do tesouro oculto, ou do “lugar perfeito para ser feliz”, como uma procura pela *jouissance*, termo que Lacan utilizou para definir aquilo que entendeu como “persistente anseio por satisfação total no real” (KIRSHNER, 2003, p.3, tradução minha). Para essa corrente teórica, o ato de desejar tem suas origens no processo de subjetivação, momento em que é produzida uma lacuna entre a realidade como conhecemos - isto é, mediada pela linguagem, pelo universo simbólico - e o real não simbolizável, não apreensível pela língua. Assim, há uma tensão entre o desejo passível de obtenção dentro dos limites da realidade apreensível pelo simbólico e o desejo inconsciente que fantasia um contato pleno com o real^{iv}. Dessa forma, o resíduo de insatisfação que sobra após o evento prazeroso de alcance do objeto desejado - o ouro - representa o desejo do sujeito, cuja causa é a fantasia da busca por *jouissance* - o “tesouro oculto” ou o “lugar perfeito para ser feliz” (KIRSHNER, 2003).

Vale destacar, entretanto, que o ato criativo de elaboração da obra em discussão não teve nenhum conceito teórico como norte. Tampouco as reflexões em colaboração com teorias acerca do desejo vêm a título de delimitar o campo de sentido sobre o qual ela é capaz de operar. A posição que assumo diante da obra é, como aconselhava Tunga, de ocupar não só o lugar de artista, mas também de observadora, instigando uma situação que deveria ser investigada (LAMPERT, 2020). Instigo e investigo a sede, um preenchimento que transborda os limites do saciamento, a visão do pescoço que engole interiorizando o que é externo, a vestimenta que anuncia o Eldorado como um motivo para sorrir. Como esses elementos estão às voltas com o que sinto-penso-imagino sobre o desejo?



Certo dia, enquanto refletia sobre o que poderia comprar com certa quantia de dinheiro que havia guardado, ao tentar dizer que talvez quisesse um computador, cometi um ato falho dizendo querer um “completador”. Essa fala que emiti ecoou em meus ouvidos como um espelho sonoro. Talvez não fosse um computador o meu objeto de desejo, mas algo mais inominável: uma completude para alguma falta, uma via de acesso para algum espaço subjetivo ainda não alcançado. Deleuze e Guattari (2000) vão contrapor essa noção do desejo enquanto vazio, falta a ser preenchida, afirmando, na contramão disso, a sua potência como força produtiva.

Para esses autores, mesmo quando a psicanálise interpreta com profundidade a matéria do desejo, não como simples objeto, mas como:

A specific machine that brings desire itself front and center, this machine is merely theatrical, and the complementarity of what it sets apart still remains: it is now need that is defined in terms of a relative lack and determined by its own object, whereas desire is regarded as what produces the fantasy and produces itself by detaching itself from the object, though at the same time it intensifies the lack by making it absolute: an "incurable insufficiency of being," an "inability-to-be that is life itself" (DELEUZE;GUATTARI, 2000, p. 26).

A crítica à natureza teatral da máquina desejante teorizada e produzida pela psicanálise aponta para a “avareza” de seu *modus operandi*, através do qual o desejo, mesmo contendo em si a capacidade de produção, produz sempre aliado a uma intensificação da falta enquanto sua verdade absoluta. A ideia de uma insuficiência ontológica natural ao desejo, criticada por Deleuze e Guattari (2000), evoca algumas imagens que compuseram o gesto poético de criação da obra “Sorria, Eldorado”, como tanques de automóveis, baterias de equipamentos eletrônicos, geladeiras... máquinas sedentas por preenchimento, pelo ato de “completar”.

Através do diálogo com essas reflexões, questiono-me sobre os modos de subjetivação aos quais fui submetida e de que maneiras apreendo a falta, a



necessidade de me “completar” - como um corpo-tanque a ser preenchido por gasolina. Se a subjetividade, sendo plural e polifônica, como apontou Guattari (2012), “não conhece nenhuma instância dominante de determinação que guie as outras instâncias segundo uma causalidade unívoca” (GUATTARI, 2012, p. 11), certamente um *mis-en-scène* bastante plural, que extrapola o meu cenário familiar, participa afetando a potência e capacidade que tenho de apreender como o meu desejo pode operar para além de uma busca por compleição.

Sendo a criação da falta uma arte da classe dominante em funcionamento através da economia de mercado (DELEUZE; GUATTARI, 2000) não surpreende que um bairro planejado com o nome ‘Eldorado’ seja anunciado como o “lugar perfeito para ser feliz”. Embora não haja genialidade na chamada publicitária que anuncia o residencial, a sua associação com o nome Eldorado, quando em embate com o mito que o título representa, contém um viés quase irônico. Afinal, como não almejar a felicidade prometida pelo Eldorado? O ouro brotando da terra^v, o tesouro oculto a ser desvendado em suas entranhas? Capturado por uma mentalidade colonial que permanece atualizando-se em uma miríade de instituições em operação sob a lógica onipresente do capital, o desejo ainda é vendido como busca do paraíso perdido.

4 Desejo/Craving

À visão do desejo enquanto busca por um objeto que intermedeia o acesso à ilusão de uma satisfação plena, associei o caráter singular do verbo “*crave*”, proveniente do inglês. Sem a existência de um termo em português que corresponda diretamente ao sentido apontado pela palavra na língua de origem, a tradução presente no dicionário Collins (2006, p. 247) define que o verbo correspondente a “*to crave for*” na língua portuguesa seria “ansiar por”. O dicionário adiciona ainda a palavra “*craving*”, substantivo que Collins (2006) situa no contexto específico de uma gravidez, traduzindo-a simplesmente como “desejo”. A simplicidade da tradução do substantivo



‘*craving*’ parece-me um bom ponto de partida para a reflexão que intenciono tecer em torno dessa palavra. Quando enunciada por uma pessoa grávida, a palavra “desejo” parece indicar com alguma clareza a especificidade, urgência e intensidade desse *desejo*. Dessa forma, o sentido da palavra “*craving*” se torna em alguma medida mais fielmente traduzível, a partir da escolha do termo “desejo”, dito no contexto particular de uma gravidez.

Há 5 anos, exerço a meditação como prática cotidiana. Entre as várias motivações que me conduzem à prática, está a vontade de vivenciar uma vida mais plena, que me permita acessar de forma mais imediata as intensidades que a vida corporificada oferece ao campo da minha experiência. A reflexão em torno da palavra ‘*craving*’ veio a partir da prática de exercício meditativo realizado com intermédio de um aplicativo nomeado *Headspace*^{vi}. Durante o exercício, Andy Puddicombe^{vii}, ex-monge tibetano e fundador da plataforma mencionada, explica que, ao adentrarmos o processo meditativo, é muito comum que busquemos (o ex-monge utiliza especificamente o verbo “*crave*” para expressar essa busca) um determinado estado durante essa prática, em geral, um estado associado aos ideais de calma, relaxamento e quietude.

Entretanto, o instrutor destaca que o desejo intenso por tais sensações cria uma atmosfera de tensão que acaba inviabilizando o alcance da experiência desejada. Ele aponta a importância de exercitar a presença para perceber este *craving*, explicando que, quando somos capazes de abandoná-lo, são criadas condições mais propícias para o estado de relaxamento almejado. No mesmo exercício, Andy convida a pessoa que medita a refletir, também, sobre o frequente estado de “*craving*” por algum objeto ou sensação, que permeia o nosso cotidiano, para além do contexto meditativo. Ele apresenta um exemplo simples, como o desejo por uma sobremesa. “Quando conseguimos aquilo que intensamente desejávamos, qual a sensação posterior, ficamos felizes?” O instrutor indaga, apontando que, de maneira comum, o alcance do



objeto/sensação almejada não resulta em um estado de plenitude e alívio de tensões, como talvez gostássemos.

A minha compreensão da proposição colocada pelo exercício meditativo discutido não é a de que se deve operar uma abolição do desejo para que uma vida mais plena seja alcançada. O que me parece proveitoso, partindo dessa reflexão, é a imaginação de que podemos tecer maneiras diversas de relação com o ato de desejar. As tarefas afirmativas dos complexos esquizoanalíticos-esquizodramáticos propostas por Gregorio Baremlitt (2019), contendo em si potência de emitir linhas de fuga para a produção de novos territórios existenciais, parecem ir na confluência dessa empreitada imaginativa ao afirmarem a:

transversalidade heteróloga, heteronímica, heterogênica, multiplicatória e maquinica que conecta materialidades, fluxos, energias, forças e processos muito diferentes entre si, tanto para as lutas libertárias como para as convivências e experiências da vida que não procuram o prazer como objetivo principal, mas o obtém sem o propor (BAREMBLITT, 2019, p.13).

À aposta em uma conexão de fluxos que se liberta da busca pelo prazer - que remonta à busca pelo Eldorado, pelo tesouro oculto - como objetivo principal, obtendo-o de maneira espontânea; relaciono a proposição feita pelo ex-monge tibetano durante o exercício meditativo. Abandonar o constante estado de *craving* por alguma situação ou objeto que mediará o acesso a um “eu” transitório que, preenchido de prazer, alivia-se das tensões vividas, é tarefa árdua. Afinal, somos continuamente impelidos à busca por modos de vida, cenários e mercadorias vendidos como vias de acesso ao *Eldorado*. Logo, perguntar sobre como criar meios de libertação de uma prática desejante hegemonicamente instituída parece ser perguntar também sobre como criar formas de desvio da axiomática do capital que, modulando a subjetividade por meio de um fomento exacerbado da produtividade, da competitividade, da lógica privada e do acúmulo, incita à instabilidade constante (HUR, 2018).



Saber sob quais condições é possível escapar de uma prática desejante aliada à lógica capitalista/colonialista em que fui forjada permanece, para mim, uma questão em aberto. Afinal, a percepção que tive sobre minha própria sede por uma espécie de Eldorado, um tipo de satisfação plena que jamais chega (e provavelmente jamais chegará), mobilizou o gesto poético que deu origem à obra discutida aqui. A experiência meditativa que descrevi e a proposição que traz de uma presença que aguça a percepção, aparecem a mim como exercícios possíveis para re-situar o corpo com relação ao desejo. Nesse sentido, instiga-me a noção do modo de presença como uma “forma única de atenção sensível” (GREINER, 2010, p.92), que implica um acordo imediato com as coisas, pessoas ou pequenos acontecimentos (GREINER, 2010).

Em todo caso, não proponho produzir respostas claras e definitivas, como se fosse possível endereçar assertivamente as questões colocadas. Procuro, com a abertura de tais perguntas, um confronto com aquilo que movimentou o meu próprio desejo em direção à produção da obra aqui discutida. Entendo que, ao fazer isso, coloco em jogo as ignorâncias que me movem e me colocam diante da vontade que tenho de “reaprender a ser (...) numa sociedade estruturada e permeada pela violência colonial” (RODRIGUES, 2021, p.126). Assim, a fim de investigar as imagens que tenho produzido na intimidade do meu cotidiano, propus promover uma reintegração do olho ao corpo, perguntando a essas imagens como o meu olhar vê, o que enxerga, que perguntas suscita e que sentimentos desperta (RODRIGUES, 2021).

5 Conclusão

Com a escrita deste artigo, propus realizar um aprofundamento nas questões que mobilizaram a produção da videoperformance “Sorria, Eldorado!” discutida aqui. Conforme mencionado, a proposição inicial da obra era colocar em cena elementos como a água, a imagem do copo sendo preenchido, o ato de engolir, e o uso do vestuário contendo a expressão que dá título à obra, entendendo na conjunção desses



elementos e ações a possibilidade de expressão daquilo que entendi como “subjetividade desejante”.

Refleti sobre os aspectos práticos de realização da obra e como a direcionaram, conduzindo à interseção entre vídeo e performance, com a experiência do corpo sendo afetada pela experiência do registro em vídeo e o resultado da obra sendo afetado por essa interação processual. Destaquei a relevância da reflexão sobre desejo como campo central da produção de sentido almejada pela produção poética discutida, abordando, a partir de elementos presentes na videoperformance, discussões com o mito do Eldorado, conceitos da psicanálise e da esquizoanálise.

Assim, perguntar se o preenchimento que o vídeo exhibe pode estar associado à busca por uma completude que viria sanar a sensação de falta que se diz inerente ao desejo, promovendo alcance a um lugar subjetivo paradisíaco, “o Eldorado”, teve papel central no desenvolvimento dessa reflexão. Investigar, através das associações que o vídeo suscita, como a apreensão europeia do mito do Eldorado se relaciona com um modo de vivenciar o desejo permeado pela busca contínua de um objeto - neste caso, o ouro - cuja obtenção não traz satisfação plena, nem leva ao “lugar perfeito para ser feliz”, indicou-me um caminho de auto-inquirição sobre que tipo de aprendizado, provindo de heranças coloniais, segue integrando a sensação que tenho do que é desejar.

Por fim, a experiência do corpo, ativada com a produção do vídeo, é retomada em meio à discussão que faço em torno de uma experiência meditativa que vivenciei. Poderia, o próprio corpo, ensinar modos diversos de vivenciar o desejo? Como é possível exercitar um abandono à urgência de obtenção daquilo que, por que desejo, parece me faltar? Como abandonar a ideia - tantas vezes inconsciente, pulsante - de que a obtenção do objeto almejado me conduziria ao Eldorado? No ato de confrontar, não só a obra, mas também a experiência de sua realização, parece-me serem tais questões que a videoperformance não responde nem procura responder, mas me instiga a perguntar.



Referências

- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BAREMBLITT, Gregorio. **Esquizodrama**: 10 proposições descartáveis. Belo Horizonte: Editora IGB, 2019.
- CICLO de práticas decoloniais. [S. l.], 15 ago. 2022. Disponível em: <https://ciclo.nupaa.org/modulos/>. Acesso em: 18 set. 2023.
- COESSENS, Kathleen. A arte da pesquisa em artes - traçando práxis e reflexão. ARJ – Art Research Journal / **Revista de Pesquisa em Artes**, v. 1, n. 2, p. 1-20, 11. 2014.
- COLLINS: Dicionário Inglês-Português. [S. l.]: Collins, 2006.
- CORREA, Elaine Alves Lobo. **A dinâmica socioespacial da região sudoeste de Goiânia**: uma análise da produção e valorização do bairro Celina Park. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, [S. l.], 2009. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tedeserver/api/core/bitstreams/8648dd08-6ac7-441f-8301-3a658c9657c1/content>. Acesso em: 18 set. 2023.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Anti-Oedipus**: Capitalism and Schizophrenia. [S. l.]: University of Minnesota Press, 2000.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. [S. l.]: Editora 34, 2012.
- HEADSPACE (company). [S. l.], 2023. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Headspace_\(company\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Headspace_(company)). Acesso em: 18 set. 2023.
- HUR, Domenico Uhng. **Psicologia, Política e Esquizoanálise**. Campinas: Alínea Editora, 2018.
- KIRSHNER, Lewis A. Rethinking Desire: The Objet Petit A in Lacanian Theory. **Journal of the American Psychoanalytic Association**, [s. l.], v. 53, ed. 1, 2005. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/00030651050530010901?journalCode=apaa>. Acesso em: 18 set. 2023.
- LAMPERT, Catherine. **Tunga**. [S. l.]: Cosac Naify, 2020.
- LANGER, J. **O mito do eldorado**: origem e significado no Imaginário sul-americano (século XVI). Revista de História, São Paulo, n. 136, p. 25-40, 1997.
- MELLO, Christine. **Extremidades do vídeo**. São Paulo: Editora Senac, 2008.
- NELSON, Robin. **Practice as Research in the Arts (and Beyond)**: Principles, Processes, Contexts, Achievements. Londres: Palgrave Macmillan, 2022.



PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RIBEIRO, O. C. Criatividade na pesquisa acadêmica: método-caminho na perspectiva de uma fenomenologia complexa e transdisciplinar. **Revista da UFG**. v.5, n.1, Jan./Jun., 2015, p. 189-215, Artigo 89 Dossiê ECOTRANS: Ecologia dos saberes e Transdisciplinaridade. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teri/article/view/36356/18709> Acesso: em 22 jul. 2022.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Pesquisa Autobiográfica em Arte: apontamentos iniciais. **Revista Nós**: Cultura, Estética e Linguagens, [s. l.], v. 6, n. 1, 2021.

SOBRE Andy Puddicombe. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.headspace.com/pt/andy-puddicombe>. Acesso em: 30 abr. 2024.

VINHOSA, Luciano. **Videoperformance**: corpo em trânsito. Revista Estado da Arte, Uberlândia. v.1, n.2, p.293-303, jul./dez. 2020. <https://doi.org/10.14393/EdA-v1-n2-2020-57782>

Notas

ⁱ Link de acesso para assistir à videoperformance disponível em: [\[https://www.youtube.com/watch?v=5XEkoy3ULLg\]](https://www.youtube.com/watch?v=5XEkoy3ULLg).

ⁱⁱ Conforme aponta Santana (2003) citado por Correa (2009).

ⁱⁱⁱ “O maravilhoso é todo imaginário que expressa as diferenciações culturais entre o autor, seu público e as descrições de um mundo distante, exótico e disforme, traduzidos em imagens fantásticas e estupendas” (LANCIANNI, no 21, p.21 apud LANGER, 1997, p. 26).

^{iv} “‘reality’ as we know it and the ‘real’, for Lacan, are opposing concepts. What we call reality in describing the world in which we live is dependent entirely on language. It seems almost irrefutable that the capacity to use symbols, including identifying pronouns and proper names, is what makes us human. (...) Conversely, what he calls the “real” remains outside of symbolization, inaccessible to thought” (KIRSHNER, 2003, p. 4).

^v “O primeiro elemento fantástico das representações de riqueza na América foi a sua extrema abundância, pois para os europeus o ouro encontrava-se com facilidade em qualquer parte do Novo Mundo. Alguns cronistas do século XVI descreveram a existência de ouro aflorando fantasticamente na superfície da terra, crescendo como plantas e mesmo abundante como os peixes nos rios” (LAS CASAS, 1951 apud LANGER, 1997, p. 26).

^{vi} “HeadSpace, uma subsidiária da HeadSpace Health, é uma empresa online anglo-americana, especializada em meditação. Foi incorporada em maio de 2010 em Londres, Inglaterra, por Andy Puddicombe e Richard Pierson. Está sediada em Santa Monica, Califórnia, com escritórios em São Francisco e Londres” (HEADSPACE, 2023).

^{vii} “Andy Puddicombe é especialista em meditação e atenção plena. (...) Quando tinha 20 e poucos anos, no meio do curso de Ciências do Esporte, Andy tomou a inesperada decisão de ir ao Himalaia



estudar meditação. Esse foi o começo de uma jornada de dez anos em que ele rodou o mundo, até ser ordenado como monge budista tibetano, no norte da Índia. (...) Após uma breve temporada no Circo de Moscou, Andy voltou a Londres onde se formou em Artes Circenses no *Conservatoire of Dance and Drama*, onde esboçou alguns planos para o que mais tarde viria a se tornar o *Headspace*" (SOBRE, 2024).